



IMAGEM DA ENFERMEIRA DURANTE A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

IMAGE OF NURSES DURING WORLD WAR I

IMAGEN DE LA ENFERMERA DURANTE LA PRIMERA GUERRA MUNDIAL

Daiana Miranda¹, Vinícius Sidney², Pedro Nassar³, Luciane Araújo⁴, Andréia Neves⁵, Fernando Porto⁶

RESUMO

Objetivo: analisar os desenhos inspirados em enfermeiras veiculados na imprensa, com destaque dos seus atributos pessoais nas circunstâncias da Primeira Guerra Mundial. **Método:** optou-se por analisar os documentos à luz da semiótica para decodificá-los, articulando-os simultaneamente com a história. De acordo com os critérios de seleção dos documentos, foram analisados três desenhos veiculados pela Revista da Semana, com base nos conceitos de "plano de expressão" e "plano de conteúdo". **Resultados:** nos desenhos em análise evidenciam-se o véu, o braçal e a cruz como os atributos pessoais mais marcantes das mulheres em destaque, associados a outros atributos como asas e cenas de cuidados aos feridos. **Conclusão:** os signos revelaram possível estratégia de manipulação simbólica para representar a imagem da enfermeira, que pautava na sua prática bondade e caridade. Ressalta-se que o braçal com cruz, por ser portador do significado de neutralidade, caracterizou o cuidar sem distinção, uma das referências da Cruz Vermelha. **Descritores:** História da Enfermagem; Primeira Guerra Mundial; Cruz Vermelha.

ABSTRACT

Objective: to analyze the drawings inspired by nurses and published by the press, especially their personal attributes in the circumstances of World War I. **Method:** we chose to analyze the documents in the light of semiotics to decode them, relating them simultaneously to history. According to the criteria for the selection of the documents, we analyzed three drawings published by Revista da Semana magazine, based on the concepts of "expression plane" and "content plane". **Results:** the drawings analyzed showed a veil, an armband and the cross as the most remarkable personal attributes of these women, associated with other attributes such as wings and scenes of care provided to war-wounded patients. **Conclusion:** the signs revealed a possible strategy of symbolic manipulation to represent the image of nurses who based their practice on kindness and charity. It is worth mentioning that the armband with a cross, which means neutrality, characterized care provided without any distinction, one of the references of the Red Cross. **Descriptors:** History of Nursing; World War I; Red Cross.

RESUMEN

Objetivo: analizar los dibujos inspirados en enfermeras publicados por la prensa, con destaque de sus atributos personales en las circunstancias de la Primera Guerra Mundial. **Método:** fueron analizados los documentos a la luz de la semiótica para decodificarlos, articulándolos simultáneamente con la historia. Según los criterios de selección de los documentos, fueron analizados tres dibujos publicados por la Revista da Semana, con base en los conceptos de "plano de expresión" y "plano de contenido". **Resultados:** en los dibujos analizados se destacan el velo, el brazalete y la cruz como los atributos personales más notables de esas mujeres, asociados con otros atributos como alas y escenas de la atención de heridos. **Conclusión:** los signos revelaron una posible estrategia de manipulación simbólica para representar la imagen de la enfermera, que basaba su práctica en la bondad y caridad. Cabe señalar que el brazalete con cruz, por tener el significado de neutralidad, caracterizó la atención sin distinción alguna, una de las referencias de la Cruz Roja. **Descritores:** Historia de la Enfermería; Primera Guerra Mundial; Cruz Roja.

¹Enfermeira, Mestranda, Programa de Pós Graduação em Enfermagem e Biociências, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: daiana.miranda@hotmail.com; ²Enfermeiro, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: viniciusidney@yahoo.com.br; ³Enfermeiro, Mestre, Programa de Pós Graduação em Enfermagem e Biociências, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: pedornassar@gmail.com; ⁴Enfermeira, Mestre, Programa de Pós Graduação em Enfermagem e Biociências, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: lucianearaujo77@gmail.com; ⁵Enfermeira, Especialista em Enfermagem Gerencial, Mestre, Doutoranda, Programa de Pós Graduação em Enfermagem e Biociências, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: anetanna22@gmail.com; ⁶Enfermeiro, Doutor em Enfermagem (Pós-doutor), Bolsista da FAPERJ, Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Programa de Pós Graduação em Enfermagem e Biociências, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: ramosporto@openlink.com.br

INTRODUÇÃO

A I Guerra Mundial foi uma época difícil para a população mundial. Na Alemanha, Estados Unidos e França existiam movimentações no intuito de viabilizar atendimento de saúde com os cofres públicos. No entanto, não havia um conceito universal do que era saúde e, mesmo diante da criação da Liga das Nações, esse não foi alcançado.¹

No Brasil, a participação da enfermagem ocorreu como consequência das necessidades e transformações que aconteciam no campo da saúde. O pensamento não era direcionado para o combate da doença já instalada, mas sim para evitá-la, minimizando assim epidemias de febre amarela e cólera que acometiam a população.^{2,3}

Dessa forma, em meados do século XIX encontramos registros das medidas coletivas de controle instituídas pela *medicina social* na tentativa de prevenção de doenças, tais como drenagem e dessecamento de pântanos e criação de serviços de inspeção de águas e esgotos.² Assim, a *medicina social*, capaz de assumir questões relativas à saúde, aliou-se ao Estado. Este era responsável por projetos de prevenção das doenças como forma de obter apoio à ciência. No decorrer do século XIX e começo do XX, a doença era vista como ameaça à defesa e à produção de riquezas do território.^{2,3}

A necessidade de socorro nas guerras gerou contradição interna. Apesar de possuir caráter negativo, não se podem descartar aspectos positivos, como o avanço no campo do conhecimento, no que se refere às tecnologias aplicadas ao cuidado.⁴

No Brasil, no ensino em prol da profissão e por meio dos Cursos de Enfermeiras Voluntárias (1914), Profissionais (1916) e da Escola Prática de Enfermeira (1916) e o Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo (1917-1921), ambos no Rio de Janeiro, a Cruz Vermelha Brasileira promoveu cursos de enfermeiras com o intuito de preparar mulheres para o cuidado aos enfermos e necessitados em situações de calamidade pública. Objetivou-se principalmente a aproximação e inserção do país no conflito. Isso demarcou progresso para o desenvolvimento da profissionalização da enfermagem. Deu-se continuidade ao processo iniciado, pelo que se sabe, pela criação da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, em 1890, atual Escola de Enfermagem Alfredo Pinto.^{5,6}

Os cursos supramencionados, delimitados no Rio de Janeiro, tinham por objetivo atender às necessidades emergenciais

daquele momento histórico. A justificativa possível seria o controle das doenças endêmicas (malária, tuberculose, varíola e sífilis) e/ou atuação no atendimento aos feridos da I Guerra Mundial. A decisão de inserção do Brasil nessa guerra agitou a imprensa escrita e ilustrada. Neste sentido, em 1917, ilustradores veicularam desenhos nas páginas da Revista da Semana para chamar a atenção dos leitores e sensibilizá-los a ajudarem, fosse por meio de auxílio financeiro ou através de atitudes que pudessem ser entendidas na perspectiva "bondade e caridade".

O presente estudo traz a iconografia, na tipificação de desenho, como fonte histórica, por entender que ele não é uma simples ilustração. A palavra iconografia vem do grego *Eykon*, imagem e *grafia*, descrição, escrita. Ela é uma das formas de linguagem visual, que utiliza as imagens para representar determinado tema. Certamente, é uma das fontes históricas mais ricas, na qual o objeto traz consigo o repertório no qual foi concebido, idealizado ou inventado.⁷

Para tanto, é preciso saber questioná-la no sentido de: Quando?; Onde?; Quem?; Para quem?; Para quê?; Por quê?; e Como? Estas perguntas nortearam as reflexões para a análise. Além disso, foi preciso decifrar o silêncio, i.e., quando a imagem diz o que não se pode mostrar e mostra o que não se pode dizer.⁷

Nesta perspectiva, foi preciso esclarecer que a imagem não traz o real em si. Por outro lado, carrega a realidade em seus possíveis traços, símbolos, dimensões ocultas, códigos e perspectivas. Assim, cabe ao pesquisador decifrar os códigos, para utilizá-los como testemunhos possíveis, que poderão auxiliar na construção de nova versão do passado e presente nos dias atuais.⁷

Com esse foco, se teve por objetivo analisar os desenhos inspirados em enfermeiras veiculados na imprensa, com destaque para os atributos pessoais nas circunstâncias da I Guerra Mundial. Mediante o exposto, o estudo se torna relevante e justificável, no sentido de possibilitar a contribuição do mecanismo de construção da imagem da enfermeira no eco da formação de identidade profissional.

MÉTODO

A abordagem analítica adotada foi na perspectiva da semiótica pelo viés da história. Nesta perspectiva, a interpretação das mensagens imagéticas apresenta diversas expressões sociais e a semiótica possibilita a

Miranda D, Sidney V, Nassar P et al.

penetração no universo das representações. Assi, é possível identificar e desvendar as influências e inter-relações dos mecanismos utilizados pelos grupos sociais envolvidos.⁶

A Revista da Semana foi selecionada para o estudo por ser uma das quatro revistas mais requisitadas à época, sendo uma das pioneiras na publicação de fotografias. Ela apresentava temas contemporâneos, de interesse para as famílias brasileiras, excluindo aqueles relativos a políticos e assuntos escandalosos, propiciando uma leitura leve para as mulheres. Tal característica foi apropriada para as escolas e cursos de enfermagem, visando à divulgação de suas imagens de enfermeira para a sociedade à época.⁶

Mediante aplicação do critério de seleção da revista, articulado à delimitação tempo, foram identificados três desenhos reproduzidos e veiculados na Revista da Semana. Destaca-se que a reprodução dos desenhos foi denominada de *fac-símile*. Dito de outra maneira, os desenhos analisados são assim denominados, por serem uma reprodução do desenho publicado na Revista da Semana.⁸

Como estratégia de análise, o foco se deu no desenho delimitado em alguns atributos pessoais inspirados na imagem da enfermeira. Estes atributos foram adereços da cabeça, o vestido, bem como a posição dos figurados. Isto conduziu à articulação com outras imagens, se aproximando da abordagem analítica de autoria do pesquisador das artes, conhecido como Erwin Panofsky, que, em síntese, realizava suas análises por comparação.⁹

Também foi aplicado o referencial da semiótica, por meio do "plano de conteúdo" e o "plano de expressão".¹⁰ O plano de expressão é entendido como a manifestação do conteúdo em um sistema de significação verbal, não-verbal ou sincrético. O plano de conteúdo refere-se ao significado do texto, isto é, o que o texto diz e como o faz para dizê-lo.¹⁰

Com base nos passos descritos, se obteve o resultado da análise, que possibilitou a decodificação dos significados dos desenhos veiculados na Revista da Semana. Cabe ressaltar que o estudo atendeu ao que preconiza a Lei nº 9.610/1998 referente à autorização, atualização e consolidação da legislação sobre os direitos autorais e outras

Imagem da enfermeira durante a primeira...

providências, em especial, com base nos Artigos 43, 44 e 46, por serem imagens de domínio público.¹¹

RESULTADOS

Como especificado na seção método, três desenhos foram selecionados ao serem veiculados na Revista da Semana. Estes encontram-se circunstanciados na I Guerra Mundial que teve como período 1914-1918. Estiveram envolvidos no conflito o Império Austro-Húngaro e o Império Alemão, bem como a Tríplice Entente. O Brasil, por não ter condição de entrar no conflito de tal montante em 1914, manteve-se em neutralidade nos dois primeiros anos da I Guerra Mundial.¹²

Em 1917, um dos navios da Marinha Mercante Brasileira, o Vapor Paraná, que se encontrava nas costas marítimas da França sob as normas exigidas à época para países neutros, sofreu ataque de um submarino alemão, levando ao afundamento do navio e morte de brasileiros. Tal fato levou a manifestações populares que abalaram a relação entre o Brasil e o Império Alemão. Então, o presidente do Brasil à época, Wenceslau Braz, em síntese, anunciou a participação do país na guerra aliado aos Estados Unidos contra a Alemanha.¹²

Para a população feminina, a I Guerra Mundial teve impacto, no sentido de mulheres começarem a desempenhar funções antes não destinadas ao grupo feminino. Saíram do privado, na rotina de cuidar da casa e filhos, para o público. Tornaram-se mão de obra em ambientes laborais como, por exemplo, para dirigirem ambulâncias e criar frentes de trabalho para atender aos feridos de guerra, dentre outras atividades, o que conduziu à crise no serviço doméstico.¹³ Desta forma, depreendeu-se que a guerra impulsionou as mulheres para o mundo do trabalho, em virtude da necessidade iminente de mão de obra e de socorro aos feridos ocasionada pelo conflito.

A I Guerra Mundial findou em 1918 com a derrota da Alemanha, levando o Brasil a definir a sua política de aliança internacional com os Estados Unidos. A partir de então, os Estados Unidos estavam habilitados a orientar as decisões no Brasil, inclusive influenciando no estilo de vida dos brasileiros.^{6,12}



Figura 1. Ao centro o *fac-símile* nº 1, A Cruz Vermelha.¹⁴ Do lado esquerdo no canto superior a imagem de Pietà de Michelangelo e no canto inferior a pintura denominada Criança Morta de Candido Portinari. Do lado direito, no canto superior, a bandeira dos estados Unidos e, no canto inferior, a imagem de Tiradentes Esquarteja de Pedro Américo.

A Figura 1, de autoria de Charles Dana Gibson, foi também publicada na Revista *Life*, revista americana reconhecida à época. O ilustrador ficou famoso por criar uma personagem para seus desenhos, que acabou se tornando influenciadora do comportamento da época. Era conhecida como a “Garota Gibson”, que poderia se considerar uma mulher elegante, independente e autoconfiante. Durante vinte anos permaneceu sendo o símbolo ideal da mulher americana. Ela foi fonte inspiradora para várias mulheres, fosse pelo penteado, as roupas e/ou a maneira de se comportar.¹⁵

Durante a I Guerra Mundial, Gibson criou comoventes artes, como a Figura 1 publicada no exemplar do dia 12/10/1917 na Revista da Semana, com o título “A Cruz Vermelha”. Nesta imagem, se apresentam dois personagens: uma figura feminina, representando possivelmente uma mulher como se fosse enfermeira da Cruz Vermelha; e um homem ferido. A figura feminina apresenta-se com os cabelos desalinhados em parte, mas presos no alto da cabeça, com vestido, um braçal com o símbolo da cruz no braço esquerdo e com os pés descalços. O traje remete à estampa da bandeira dos Estados Unidos. O homem usa traje de mangas compridas, com faixa na cabeça e outra na cintura e sapatos. O local retratado deixa transparecer ser descampado, sugerindo campo de guerra.

Sabe-se que o braçal com o símbolo da cruz, quando em cenário de campo de guerra e em atendimento de calamidades, é portador

de significado de neutralidade, sendo atributo utilizado pela Cruz Vermelha como assinatura imagética da instituição.⁶

Ao se articular o braçal, a bandeira dos Estados Unidos e a figura do ferido com o braço dependurado com as obras da estátua de Pietà de Michelangelo e as pinturas de Candido Portinari e Pedro Américo, pode-se depreender, pela perspectiva do plano de conteúdo, a relação pátria-patriota. Essa relação é evidenciada, no plano de expressão, pela mulher figurada de enfermeira que ostenta em seu corpo um tecido com a mesma estampa da bandeira dos Estados Unidos. Isto remete à ideia de que ela representava aquele país, carregando os soldados feridos no colo, como heróis trágicos, que haviam morrido ou se ferido lutando em prol dos ideais da nação.

Comparando-se a outras artes conhecidas, em temáticas e contextos diversos, o herói trágico é representado no plano de expressão com o braço caído, como é evidenciado na Figura 1. Portanto, pode-se inferir que seja desenho encomiástico, ou seja, que se presta a fazer homenagem. Não se trata, então, de apontar a brutalidade da guerra, mas de enaltecer a coragem daqueles que lutaram no combate e no socorro aos feridos. Com efeito, a representação da Cruz Vermelha, evidenciada pelo braçal articulado com o símbolo cruz, é uma marca distintiva da instituição.

A Figura 2 é de autoria de Otho Cushing. Muitos dos desenhos de Cushing continham deuses e deusas gregos e seus personagens

Miranda D, Sidney V, Nassar P et al.

Imagem da enfermeira durante a primeira...

transmitiam a atmosfera olímpica, mesmo quando estes elementos não eram incluídos.¹⁶ Neste sentido, foi veiculado no exemplar do dia 15/12/1917, sob título “A Cruz Vermelha”.

O *fac-símile* apresenta dois personagens: a figura de uma mulher trajando atributos semelhantes ao da enfermeira, mas com asas; e um homem.



Figura 2. Do lado esquerdo, no canto superior, temos o foco na figura feminina no atributo pessoal de cabeça e braçal com cruz e, abaixo dela, foca na figura feminina dando líquido ao ferido. Do lado direito o *fac-símile* nº 2: A Cruz Vermelha.¹⁷

Os atributos ostentados pela mulher remetem ao da enfermeira, a saber: vestido e véu com símbolo de cruz. Além destes elementos simbólicos, a mulher apresenta um par de asas nas costas. O homem faz remeter a um ferido de guerra, apresentando-se deitado, com as roupas rasgadas, com um pé calçado e o outro não. No conjunto imagético, ela se encontra com atitude que deixa transparecer oferecer líquido ao homem.

No plano de conteúdo, a vida é negada quando o homem é representado como ferido e a mulher presta cuidado a ele. Além disto, ela, por ostentar um par de asas, ícone que remete à figura do anjo, representa um ser divino que tem vida eterna, evidenciando a vulnerabilidade do ser humano, um ser mortal. Esta imagem articulada à imagem da figura feminina remete ao símbolo portador de valores que a denotam uma prática abnegada, de submissão, de doação e de servir.

Em tempos de guerra, muitos artistas retratavam as mulheres com atributos de enfermeira com o ícone de asa. No contexto da I Guerra Mundial, pode-se inferir que o símbolo quer transmitir a mensagem da enfermeira como anjo, guardiã e protetora. Deixa de lado seus interesses pessoais a fim de cumprir determinada missão. Esta pode ser reconhecida como atividade que visava aliviar

a dor de alguém e lutar contra a morte, no contexto da análise, aos soldados que arriscavam suas vidas no campo de batalha. Estes deveriam ser cuidados com atitude de compaixão em virtude de ferimentos causados pelos armamentos bélicos.

Essa noção traz embutido significados que vão da qualificação à desqualificação. Ao tempo em que o anjo é um ser querido, que as pessoas gostariam de tê-lo junto a si, é uma entidade que não possui identidade própria, nem sexo, colocando-se como mediador entre o céu e a terra. Sua missão era amenizar a dor daqueles que necessitavam de cuidado e compaixão em momentos de sofrimento.¹⁸

Neste sentido, a figura feminina representada de forma estereotipada de anjo aliada à imagem da enfermeira traz valores gratificantes. Por outro lado, ela se distancia do profissionalismo, ao passo que, a representação de ser anjo é um ser acrítico, que não questiona e não tem autonomia, o que conduz efeitos contraditórios para a profissão.

A Figura 3 é de autoria de Wladyslaw Teodor, conhecido como W. T. Benda. Suas obras procuravam o olhar *American Girl*. As mulheres representadas por Benda eram misteriosas e exóticas. Ele ilustrou outros desenhos com forte apelo ao auxílio da Cruz Vermelha e à profissionalização da mulher.¹⁹

Miranda D, Sidney V, Nassar P et al.

Imagem da enfermeira durante a primeira...

O *fac-símile* datado de 22/12/1917 apresenta um grupo de mais de 10 pessoas, entre homens e mulheres, sendo que, quatro

mulheres estão em destaque, uma delas trajando atributos de enfermeira.



Figura 3. *Fac-símile* A Sobrevivência da Bondade Humana.²⁰

Como atributos pessoais nota-se que a mulher localizada no canto direito, da parte inferior da imagem, traça elementos simbólicos que possibilitam se remeter à enfermeira. Ela usa vestido de mangas compridas e véu. Este último atributo se apresenta articulado ao símbolo de cruz na região frontal da cabeça. As demais mulheres usam roupas de mangas compridas e gola sem elementos simbólicos que possam remeter a indícios do traje de enfermeira. Como atributos de paisagem, observa-se uma mesa, possivelmente com donativos, e ao fundo soldados de costas e armados, sugerindo o cenário de guerra. Há uma mulher localizada no lado direito em plano secundário, segurando a bandeira, que pelo vestígio sugere se tratar ser dos Estados Unidos.

DISCUSSÃO

Nas Figuras 2 e 3 encontra-se o véu, traje feminino que possui, dentre outros significados, aspecto religioso. Remete principalmente à igreja católica, seja pelas freiras e/ou pelas mulheres ao entrarem nas igrejas para rezar, entre outras religiões e significações, mas se descartou a inferência para o momento. Ao mesmo tempo, o véu tem sentido funcional, pois cobre o cabelo, seja por respeito ou higiene, dentre outras funções.⁶

O símbolo da cruz está em todas as figuras, seja no braçal ou posicionado no frontispício do véu. Ele é carregado de aspectos polissêmicos, mas aqui foi entendido como religioso, lembrando o sacrifício de Cristo pela humanidade, por exemplo. Ao mesmo tempo, entendeu-se como gatilho mental articulado à Cruz Vermelha. Ao se constituir

como uniforme das enfermeiras, a cruz remete a doar-se em prol do outro, no cuidado, na compaixão e na bondade.

Após a análise semiótica, destacaram-se o véu e a cruz como os atributos pessoais mais marcantes nos desenhos apresentados para a construção da imagem da enfermeira na circunstância da I Guerra Mundial. Estes adornos profissionais de distinção, característicos das enfermeiras formadas pela Cruz Vermelha, eram uma das estratégias de enunciação da instituição que foi disseminada pelo mundo em escolas/cursos de enfermeiras e da própria imagem de enfermeira.

Ademais, estes atributos ostentados pelas enfermeiras conduzem a ideia de que elas eram/são agentes mensageiros institucionais, como se vestissem a bandeira da Cruz Vermelha em seus corpos. Isso parece ser uma opção acertada como meio de garantir visibilidade Institucional, semelhante o que se pode identificar no vestido da mulher da Figura 1.⁸

Os desenhos apresentados sacralizam a mulher com trajes próximos ao da enfermeira, em especial da Cruz Vermelha. Isto, em virtude da comunicação visual transmitida à sociedade por meio do vestido e véu articulado ao símbolo da cruz, que decodificado pode-se atribuir ao significado de bondade, caridade e voluntariado, refletindo os ideais da instituição.⁸ O valor desses signos, ao longo do tempo, contribui como elementos agregadores da imagem da profissão enfermagem, especialmente, quando representada na figura da mulher.

Os desenhos analisados permitem identificar rastros de comunicação para

Miranda D, Sidney V, Nassar P et al.

visibilidade da enfermagem, no mundo e no Brasil, pois podem trazer à memória vestígios da trajetória da profissão. A tentativa de reconstituir traços e imagens desse ofício que busca conservar a vida e que no decorrer do tempo deixou suas marcas, consideradas como signos de representação, pode sinalizar no presente algo esquecido ou ainda algo do passado reatualizado.²¹

CONCLUSÃO

Ao se articular os três *fac-símiles*, evidencia-se a presença do véu e do símbolo da cruz que, associados às legendas dos desenhos, permitem depreender que o *nexus* foi adotado pelos artistas em apreço. Pode-se inferir destas imagens que a figura representativa da mulher com os elementos de composição (véu, cruz e asa), atributos que remetiam à imagem da enfermeira, podem ser uma das estratégias de manipulação simbólica. Essa estratégia determinaria a representação da imagem de boa mulher-enfermeira, que se pautava na prática da bondade e caridade. Ressalta-se que o braçal, também, foi destaque nas imagens. Isto possibilitou o entendimento de identificação de neutralidade no sentido de atender, sem distinção aos feridos e necessitados no conflito.

A neutralidade, enaltecida por quem se voluntaria a prestar socorro em tempos de conflito, deveria estar presente nos ambientes de prestação do cuidado. Isso implica o desenvolvimento da prática da profissão, que deve cuidar sem fazer distinção de raça, credo, ou qualquer tipo de discriminação. Inclusive, esta é uma das prerrogativas do Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem Brasileira e de outros países. Destaca-se no Brasil, em seu Artigo 15, pois ele remete à responsabilidade e dever de prestar assistência livre de discriminação de qualquer natureza.

Ademais, pode-se inferir e quiçá afirmar que o estudo semiótico é uma das possibilidades de abertura para reflexões acerca do mecanismo de construção da imagem pública da enfermeira. Nesta lógica, a reflexão crítica conduz a novas versões do passado, mas é preciso conhecer e valorizar a história. Conhecer o passado possibilita refletir sobre certos valores e conceitos, pois eles encontram-se aliados à imagem da profissão, contribuindo no entendimento da identidade profissional. Por fim, mais não menos importante, cabe destacar que pelo rigor metodológico e limitação das laudas, lacunas foram possivelmente deixadas no presente estudo. Mas, por outro lado, as

Imagem da enfermeira durante a primeira...

lacunas devem ser entendidas como possibilidades para o avanço da construção de outros estudos.

REFERÊNCIAS

1. Scliar M. História do conceito de saúde. Rev Saúde Coletiva [Internet]. 2007 [cited 2015 Aug 14];17(1):29-41. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v17n1/v17n1a03>
2. Marques EC. Da higiene à construção da cidade: o estado e o saneamento no Rio de Janeiro. Hist Cienc Saúde-Manguinhos [Internet]. 1995 [cited 2015 Aug 14];2(2):51-67. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/hcsm/v2n2/a04v2n2.pdf>
3. Timoteo RPS. Modernidade, saúde e enfermagem: momentos históricos no Rio Grande do Norte. Rev Rene. 2000; 1(2):36-42. <http://www.scielo.br/pdf/%0D/hcsm/v2n2/a04v2n2.pdf>
4. Pinheiro JN, Chaves MC, Jorge MSB. A concepção de doença nas perspectivas: histórica, filosófica, antropológica, epistemológica e política. Rev Rene [Internet]. 2004 [cited 2015 Aug 14];5(2):93-100. Available from: <http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/929>
5. Sauthier J, Barreira IA. As enfermeiras norte-americanas e o ensino da enfermagem na capital do Brasil: 1921-1931. Rio de Janeiro (RJ): Editora Anna Nery; 1999.
6. Porto F, Amorim WM. História da enfermagem brasileira - lutas, ritos e emblemas. Rio de Janeiro: Águia Dourada; 2008.
7. Thompson EP. A miséria da teoria ou um planetário de erros; uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores; 1981.
8. Neto M. A produção da crença na imagem da enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no período da Primeira Guerra Mundial (1917-1918) [dissertação]. Rio de Janeiro (RJ): Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; 2011.
9. Panofsky E. Siginificado nas artes visuais. São Paulo (SP): Perspectiva; 2011.
10. Pietroforte AV. Semiótica visual - os percursos do olhar. São Paulo (SP): Contexto; 2004.
11. Lei n. 9.610 de 19 de fevereiro de 1998 (BR). Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Diário Oficial da União [Internet]. 19 feb 1998 [cited 2015 Aug 14]. Available

Miranda D, Sidney V, Nassar P et al.

Imagem da enfermeira durante a primeira...

from: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm

12. Garambone S. A primeira guerra mundial e a imprensa brasileira. Rio de Janeiro (RJ): Mauad; 2003.

13. Willmott HP. Primeira guerra mundial. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira; 2008.

14. A Cruz Vermelha. Revista da Semana. 1917; 18(36):23.

15. Charles DG. New York: Herald Square Hotel [Internet] c3013 [cited 2013 Feb 20]. Available

from: <http://www.heraldsquarehotel.com/CDGibson.htm>.

16. Otho C. Philadelphia: Chelsea House Publishers [Internet]. c1999 [cited 2013 Feb 13]. Available

from: http://www.sil.si.edu/ondisplay/caricatures/bio_cushing.htm.

17. A Cruz Vermelha. Revista da Semana. 1917; 18(45):01.

18. Passos ES. De anjos a mulheres. Salvador (BA): Empresa Gráfica da Bahia; EDUFBA; 1996.

19. Benda WT. Wikipedia [Internet]. c2016 [cited 2013 Feb 14]. Available

from: http://en.wikipedia.org/wiki/W%C5%82adys%C5%82aw_T._Benda.

20. A sobrevivência da bondade humana. Revista da Semana. 1917; 18(46):01.

21. Veraldo TX, Porto FR, Passos AM, Rocha JA, Lima DM. Museu nacional de enfermagem Anna Nery: efeito esperado da exposição de longa duração. Rev enferm UFPE on line [Internet]. 2013 [cited 2013 Feb 14];7(Suppl):7254-9. Available from:

<http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/download/2903/8260>.

Submissão: 14/09/2015

Aceito: 10/04/2016

Publicado: 01/06/2016

Correspondência

Daiana Miranda

Programa de Pós Graduação em Enfermagem
PPGENF-BIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Rua Dr. Xavier Sigaud, 150

Bairro Urca

CEP 22290-180 – Rio de Janeiro (RJ), Brasil